

ALFABETIZAÇÃO COM RECURSOS ABERTOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA A PARTIR DE MÉTODOS E TECNOLOGIAS INOVADORES APLICADOS A CRIANÇAS COM SURDOCEGUEIRA E TEA: UMA REVISÃO

Literacy with open resources of alternative communication based on innovative methods and technologies applied to children with surgery and tea: a review

Adriana Patrícia da Silva¹
Islane Cristina Martins²

RESUMO: **Introdução:** Apesar da ampliação e oferta de acesso da pessoa com deficiência no ensino regular os níveis de alfabetização e letramento ainda são pouco satisfatórios, sendo assim, de que maneira podemos potencializar a alfabetização das crianças com deficiência? **Objetivo:** O objetivo do presente estudo foi analisar como acontece o processo de alfabetização com recursos abertos de comunicação alternativa a partir de métodos e tecnologias inovadores aplicados a crianças com surdocegueira e TEA. **Materiais e Métodos:** Para isso, foi feito um levantamento da literatura em março de 2020, nas bases de dados Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram os seguintes: “Educação Inclusiva” AND “Surdocegueira” AND “Comunicação Alternativa” AND “Educação Especial na Perspectiva Inclusiva” AND “TEA” e “Inclusive Education” AND “Deafblindness” AND “Alternative Communication” AND “Special Education In An Inclusive Perspective” AND “TEA” em ambas as bases de dados. **Resultados:** Foram selecionados 06 artigos, que tratam da alfabetização das crianças com deficiência, seus modos de comunicação, os recursos utilizados no cotidiano escolar, como ajudar os pais, como mapear esse alunado, bem como os desafios que permeiam a prática do professor. **Conclusão:** O processo de alfabetização de crianças com surdocegueira e TEA, se dá a partir do uso da comunicação alternativa a qual consiste no uso do *Picture Exchange Communication System* (PECS) que traduzido é Sistema de Comunicação por Troca de Imagens, bem como de materiais adaptados.

339

Palavras-chave: Educação inclusiva, surdocegueira, comunicação alternativa, educação especial na perspectiva inclusiva, TEA.

ABSTRACT: **Introduction:** Despite the expansion and offer of access for people with disabilities in regular education, literacy and literacy levels are still not very satisfactory, so how can we enhance the literacy of children with disabilities? **Objective:** The objective of the present study was to analyze how the process of literacy with open resources of alternative communication happens based on innovative methods and technologies applied to children with deafblindness and ASD. **Materials and Methods:** For this, a literature survey was carried out in March 2020, in the CAPES and Google Scholar Periodical databases. The descriptors used were as follows: “Inclusive Education” AND

¹Licencianda em Letras Libras - Uniasselvi, pós-graduanda em proficiência para tradutor e intérprete de Libras - faculdade Alpha. E- mail: dry.patricia@hotmail.com..

² Biomédica pela Universidade Federal de Pernambuco-PE, mestre em Neurociências pelo Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento – UFPE e doutoranda pelo PPGBAS LIKA-UFPE. Professional and Self Coach – IBC. E-mail: islanemartins@gmail.com.

“Deafblindness” AND “Alternative Communication” AND “Special Education in the Inclusive Perspective” AND “TEA” and “Inclusive Education” AND “Deafblindness” AND “Alternative Communication” AND “Special Education in An Inclusive Perspective” AND “TEA” in both databases. **Results:** Six articles were selected, dealing with the literacy of children with disabilities, their modes of communication, the resources used in the school routine, how to help parents, how to map this student body, as well as the challenges that permeate the teacher's practice. **Conclusion:** The process of literacy of children with deafblindness and ASD, occurs from the use of alternative communication which consists of the use of the Picture Exchange Communication System (PECs) which translated is the Communication System by Image Exchange, as well as materials adapted.

Keywords: Inclusive education, deafblindness, alternative communication, special education in an inclusive perspective, TEA.

1 INTRODUÇÃO

A escolha dos modos de comunicação com o público-alvo da educação inclusiva deve motivar a criança a criar significados, independentemente de sua deficiência, levando-os a desenvolver a linguagem a ser utilizada durante a comunicação (CHESIRE, 2020).

Com isso, a educação inclusiva tem como foco incluir os alunos com qualquer tipo de deficiência, nas escolas comuns, objetivando o pleno desenvolvimento desses alunos, bem como a sensibilização e o envolvimento da comunidade escolar e da sociedade (Floriani, 2017). E, um tipo de deficiência é a surdocegueira.

Nesse sentido, a surdocegueira é a associação das perdas, parcial ou total dos sentidos da audição e visão em um mesmo indivíduo, ocasionando barreiras de comunicação severa, bem como problemas de desenvolvimento, de socialização e de educação (QUADROS, 2004).

Assim, Santos e Goes (2016) enfatizam a necessidade comunicacional do surdocego e de como este necessitará do tato para estabelecer a comunicação. Como possibilidade de aprendizagem este indivíduo dispõe da comunicação alternativa.

Dessa forma, comunicação alternativa são recursos da Tecnologia Assistiva (TA), que consiste em procedimentos técnicos e metodológicos propostos a atender às necessidades de comunicação e aprendizagem de alunos com limitações cognitivas que os impedem de se comunicar (MANZINI; DELIBERATO, 2004).

Além disso, Almeida e Badalotti (2018) destacam que para a comunicação alternativa acontecer é necessário que o indivíduo com deficiência severa tenha acesso a suportes necessários que se possa transmitir ou entender uma mensagem dentro de uma educação especial na perspectiva inclusiva.

Isto é, orientando os sistemas de ensino e garantindo entre outros a formação dos professores para o atendimento educacional especializado (AEE), bem como para o atendimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), (BRASIL, 2008).

Já o TEA é uma condição caracterizada por variações no funcionamento neurológico com alterações em dois domínios principais: comunicação e interação social, assim como dos padrões restritos e repetitivos de comportamento (PEREIRA, 2016).

Portanto, existem muitos subtipos do referido transtorno, motivo esse de se usar o termo “espectro” pelos vários níveis de comprometimento neurológico, bem como por envolver situações muito diferente uma das outras (VARELLA, 2014).

No entanto, apesar da ampliação e oferta de acesso da pessoa com deficiência no ensino regular os níveis de alfabetização e letramento ainda são pouco satisfatórios, sendo assim, de que maneira podemos potencializar a alfabetização das crianças com deficiência? Uma estimativa mostrou que cerca de dois milhões de brasileiros são autistas, assim sendo, é primordial atentar para a formação dos profissionais e para as orientações fornecidas aos familiares a fim de superar os desafios encontrados na comunicação com as pessoas com deficiência (CHESIRE, 2020).

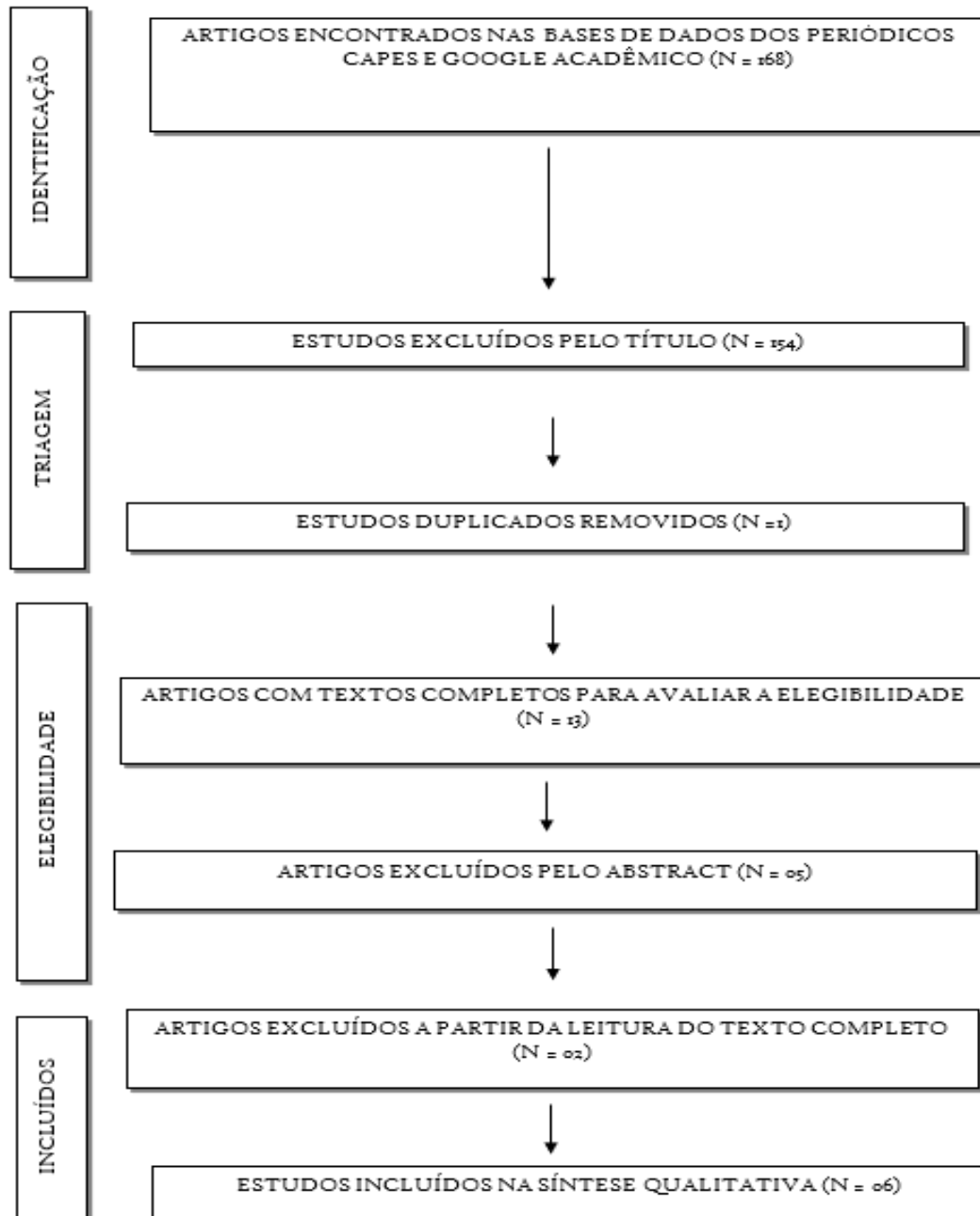
Por isso, o objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão integrativa da literatura a fim de analisar como acontece o processo de alfabetização com recursos abertos de comunicação alternativa a partir de métodos e tecnologias inovadores aplicados a crianças com deficiência intelectual e/ou TEA.

2 MATERIAL E MÉTODOS

341

Foi feito um levantamento da literatura em março de 2020, nas bases de dados Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram os seguintes: “Educação Inclusiva” AND “Surdocegueira” AND “Comunicação Alternativa” AND “Educação Especial na Perspectiva Inclusiva” AND “TEA” e “Inclusive Education” AND “Deafblindness” AND “Alternative Communication” AND “Special Education In An Inclusive Perspective” AND “TEA” em ambas as bases de dados. Foram selecionados o6 artigos sendo incluídos segundo os critérios de elegibilidade conforme a Figura 1. Os critérios de inclusão foram: artigos nos idiomas inglês e português, nos últimos cinco anos, envolvendo alfabetização com recursos abertos de comunicação alternativa a partir de métodos e tecnologias inovadores aplicados a crianças com surdocegueira e TEA. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão de literatura.

FIGURA 1. FLUXOGRAMA E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E INCLUSÃO DOS ARTIGOS



3 RESULTADOS

Os resultados do presente estudo encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Demonstrativo dos artigos que integram a Revisão Integrativa

#N	Data	Título	Autores	Periódico	Objetivos	Resultados
1	2020	Teacher's use of communication modes to enhance social interaction for learners with deafblindness in an inclusive setting: a case study at Kilimani Primary, Nairobi Kenya	BETTY JEPKOECH CHESIRE	Relatório de pesquisa apresentado à faculdade de necessidades especiais e à reabilitação no cumprimento parcial da requisição do prêmio do grau mestre das necessidades especiais de educação.	Investigar o uso de modos de comunicação pelo professor para aprimorar a interação social de alunos com surdocegueira em um ambiente inclusivo.	Os resultados indicaram que um número significativo de professores citou a comunicação total envolvendo tutoria por pares, comunicação aumentativa e alternativa como o melhor método para melhorar a comunicação e a interação social com alunos com surdocegueira. Outros professores relataram que o uso da comunicação total é necessário, mas deve ser complementado com o objeto de referência. Outros professores incentivaram a comunicação livre e o trabalho em grupos com colegas regulares para projetar atitudes positivas uns dos outros como a melhor abordagem para a comunicação e melhorar a interação social em ambientes inclusivos.
2	2019	The exceptional children's parent guidebook: how to support children with disabilities	Kevin M. Miramontes	Um projeto apresentado à Universidade Politécnica do Estado da Califórnia, Pomona, no cumprimento parcial dos requisitos para o mestrado em artes da educação.	Criar um guia para ajudar os pais no apoio à criança de Educação Especial identificada entre os 12 e os 12 anos.	Os resultados do estudo indicaram que essa abordagem para a integração de crianças com necessidades na educação básica, juntamente com seus resultados positivos tanto academicamente quanto socialmente, pais de crianças com deficiência e seus pais sem 24 deficiências deveriam usar de maneira mais construtiva atitudes positivas em relação à ideia de educação integrada para incentivar os alunos a cooperar com seus colegas e professores. O manual foi criado com a intenção de focar na compreensão das necessidades de desenvolvimento da criança, gerenciar percepções de deficiências para limitar a criação de desvantagens e aumentar o acesso a resultados de alunos bem-sucedidos.

Continua

#N	Data	Título	Autores	Periódico	Objetivos	Resultados
3	2019	Mapeamento do alunado com transtorno do espectro autista (TEA) na rede municipal de ensino de Embu das Artes/SP: perfil clínico e escolar	CATHERINE OLIVEIRA DE ARAUJO	Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Distúrbio do Desenvolvimento da UPM	Mapear o alunado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) atendido pela rede municipal de ensino de Embu das Artes/SP, em seus aspectos escolares e clínicos.	Levantou-se informações sobre o perfil de professores responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado e sobre a funcionalidade e perfil clínico dos alunos. 102 alunos com diagnóstico de TEA estavam matriculados na Educação Infantil, Ensino Fundamental e na escola especializada do Município. Destes, a maioria do sexo masculino (73,5%), com média de idade de 7 anos. A porcentagem de matrículas, em 2017, se deu no Ensino Fundamental (55%) e na Educação Infantil (27,5%), número este expressivo de alunos com diagnóstico na primeira infância.
4	2017	Perspectivas de profissionais sobre a trajetória inicial de comunicação de um sujeito com surdocegueira	SIMARA PEREIRA DA MATA	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP.	Identificar, na perspectiva de profissionais que atuaram com um sujeito com surdocegueira pré-linguística, aspectos da comunicação utilizados em contextos diferentes de atendimento.	Identificamos cinco categorias sobre aspectos da comunicação, nos relatos dos participantes, as quais indicaram conteúdos e ações sobre: primeiras tentativas de comunicação, desenvolvimento de conceitos, comunicação multimodal, linguagem receptiva e linguagem expressiva. Além disso, de forma complementar, identificamos perspectivas iniciais do trabalho dos profissionais com o sujeito com surdocegueira em relação à ideia da comunicação como base para o desenvolvimento, a articulação entre os profissionais e a proximidade dos profissionais com a família.
5	2017	O papel do educador e o aluno autista	ÉRICKA DOMICIANO GUEDES DA SILVA	TCC apresentado ao programa de graduação da UFPB.	Apresentar os desafios que norteiam a prática do professor para com o aluno autista.	Afirmamos que o cuidar e educar articulados ao planejamento estratégico utilizado na educação infantil viabiliza a autonomia e independência da criança, a partir do simples ato de criar, construir e produzir. Prova disto foram os resultados das atividades elaboradas e aplicadas pelas professoras com os alunos autistas de diferentes idades e que repercutiram positivamente em seus desenvolvimentos mesmo sem a presença da sala de Atendimento Educacional Especializado que ajudaria nesse

#N	Data	Título	Autores	Periódico	Objetivos	Resultados
6	2017	Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa	FERNANDA CRISTINA FALKOSKI	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação UFRS.	Compreender como ocorre o processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa.	<p>procedimento.</p> <p>Conseguiu-se acompanhar e analisar o processo de comunicação de Bruna e Rafael. Ambos apresentavam formas de comunicação expressiva e receptiva que precisavam ser reconhecidas e potencializadas. Algumas dessas formas foram significadas, mas outras ainda precisam de mais tempo e dedicação. Rafael demonstrou avanços na compreensão da rotina com o uso da comunicação alternativa, os objetos de referência dentro do sistema de calendário. Em relação à comunicação, manifestou avanço entre a comunicação pré-linguística e a concreta representacional. Bruna, por sua vez, encontrava-se no caminho entre a pré-linguística e a linguística. Nos dois casos, a comunicação alternativa aparece em evidência, sendo um potente recurso para estabelecer a comunicação entre as crianças com surdocegueira e seus mediadores. Os elementos da comunicação alternativa – símbolos, recursos, técnicas e estratégias – são de suma importância e contribuem para o desenvolvimento comunicacional.</p>

4 DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi analisar como acontece o processo de alfabetização com recursos abertos de comunicação alternativa a partir de métodos e tecnologias inovadores aplicados a crianças com deficiência intelectual e/ou Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nesse sentido, para Chesire (2020), a maneira de comunicação e interatividade social em ambiente inclusivo, envolvendo os professores e os alunos com surdocegueira é diversificada conforme o nível da deficiência.

Além disso, em seus estudos, mais da metade dos professores utilizam diversos tipos de comunicação quando o aluno é cego e tem baixa audição, visando estabelecer a melhor comunicação possível, citando como exemplo a Língua de Sinais Tátil, Braille, imagens simuladas e ampliadas (Chesire, 2020).

Além disso, verificou-se que o ensino destes professores não era apenas direcionado no âmbito acadêmico e social, era igualmente incluídas no processo de ensino dos alunos com surdocegueira atividades da vida diária (Chesire, 2020).

Entretanto, os alunos com surdocegueira enfrentam diversos desafios como isolamento em momentos de intervalo, de leitura, de comunicação com seus pares ao interagir na sala de aula inclusiva buscando a socialização no âmbito escolar (Chesire, 2020).

Nesse sentido, os professores elegeram a comunicação total que permite utilizar todo meio de comunicação, como melhor estratégia proporcionando uma comunicação e interação social eficaz em salas de aulas inclusivas (Chesire, 2020).

Contudo, segundo Chesire (2020), os professores afirmam que são necessários alguns ajustes para que o método supracitado seja mais bem aproveitado, sendo relevante a troca de conhecimento e ideias através de parcerias colaborativas.

Nesse sentido, Miramontes (2019), indicou em sua pesquisa a necessidade de criar um guia visando orientar os pais de crianças com deficiências, visto que muitas vezes os pais não sabem lidar com a deficiência de seus filhos e a maioria carregam traumas, pois muitas vezes é necessário reestruturar essa família.

Não só isso, mas Miramontes (2019) destacou ainda a importância dos professores, pais e profissionais da saúde, lembrarem que a pessoa com deficiência é acima de tudo um ser humano em desenvolvimento, necessitando evoluir seus pontos fortes enquanto lida com suas fraquezas.

Dito isso, este guia teve como público-alvo os pais de crianças com deficiência e/ou identificadas como prováveis deficientes, objetivando reunir informações para que

estes pais pudessem identificar em seus filhos suas capacidades de desenvolvimento tanto emocional, como acadêmicas (Miramontes, 2019).

Nesse sentido Araújo (2009), realizou o mapeamento de todo o alunado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no município de Embu das Artes-SP, tendo em vista que na secretaria do referido município não havia informações suficientes sobre tal público.

Com isso, levantaram-se simultaneamente informações sobre a formação dos profissionais responsáveis por atuar no Atendimento Educacional Especializado (AEE), bem como das especificidades, funcionalidade e perfil clínico dos alunos (Araújo, 2009).

Todavia Araújo (2009) identificou que nem todos os professores são especializados em Educação Especial, identificou-se também que 102 alunos matriculados na educação infantil e ensino fundamental possuíam diagnóstico de TEA e que a maioria destes são do sexo masculino.

Dito isso, Araújo (2009), destaca ainda sobre os ganhos significativos no processo de escolarização da criança com TEA, em obter o diagnóstico precocemente, pois se podem estabelecer as melhores estratégias para a evolução do aprendizado destas crianças.

Por isso, Araújo (2009) enfatiza que quando o professor do aluno com TEA tem acesso a uma avaliação inicial do seu aluno, facilita planejar e inferir as possibilidades de ensino/aprendizagem, desenvolvimento da comunicação e possível interação social.

Porém, no Plano Municipal de Educação (PME) é proposto um modelo de organização do currículo de Educação Especial para o município nesse sentido Araújo (2009) pontua que este é um modelo segregacionista.

Desse modo, a parceria firmada entre educação e saúde em atender os alunos com TEA é um ponto positivo visto por Araújo (2009), como necessário para o avanço na qualidade do atendimento ao aluno com TEA.

Nesse sentido, Mata (2017) esclarece em sua pesquisa que foram identificadas ações e conteúdos com relação ao sujeito com surdocegueira tendo em vista a ideia do desenvolvimento da comunicação basilar deste indivíduo.

A saber, as categorias identificadas são: primeiras tentativas de comunicação, desenvolvimento de conceitos, comunicação multimodal, linguagem receptiva e linguagem expressiva, Mata (2017).

Isto é, nas primeiras tentativas de comunicação surgiram dúvidas na interpretação das reações do aluno com surdocegueira, este fato reforça a necessidade de uma formação

profissional específica para atender esta demanda, visto que é essencial estabelecer uma comunicação eficaz, Mata (2017).

Mas também, os profissionais utilizaram-se de diversas estratégias para nomear objetos, bem como dar-lhes função em um ambiente natural, visando a aquisição de uma comunicação alternativa e significativa, Mata (2017).

Desse modo, infere-se que houve evolução no trabalho desenvolvido através da comunicação multimodal com a utilização de diversos sentidos com aluno com surdocegueira, Mata (2017).

Todavia, Mata (2017) conclui que não se priorizou uma introdução de um sistema sólido de comunicação alternativa no desenvolvimento do indivíduo com surdocegueira, comprovou-se que houve intenção comunicativa por parte do aluno em sua linguagem.

Desse modo, mesmo com dificuldades os profissionais conseguiram realizar contribuições significativas para o desenvolvimento da linguagem, sendo possível a partir de então explorar aspectos de representação simbólica da linguagem do sujeito com surdocegueira, Mata (2017).

Nesse sentido, Silva (2017) apresenta em sua pesquisa as dificuldades encontradas por docentes em escolas que não dispõem de uma equipe ou uma sala de recursos multifuncionais (SRM) para contribuir com o ensino/ aprendizagem do aluno Autista.

348

Mas também, Silva (2017) enfatiza que o docente necessita conhecer seu alunado e aponta como primordial o planejamento visando promover a inclusão de alunos com TEA, diante de da escassez de uma equipe multidisciplinar.

Além disso, a interação entre família/escola é outro ponto abordado por Silva (2017) como sendo fundamental para a evolução do aluno com TEA, pois muitos pais não aceitam o diagnóstico, já outros buscam caminhos que facilitam o entrosamento ajudando e contribuindo nesse processo.

Não só isso, mas a escola e família precisam tecer as mesmas metas simultaneamente, visando aprovisionar a inclusão, segurança e aprendizagem, modulando o aluno com TEA a ser capaz de enfrentar as complexidades corriqueiras.

Desse modo conforme Silva (2017) os profissionais que atuam com alunos com TEA precisam de apoio, de aprofundar seus conhecimentos e de objetivos para a realização de uma prática educacional unificada, com a ajuda da família, educadores e da sociedade.

Nesse sentido, Falkoski (2017), ressalta a importância da organização e da conquista de um espaço na sociedade e na escola para a pessoa com surdocegueira, pois a partir do

reconhecimento desta deficiência, pode-se lutar por acesso à educação e por atendimentos necessários.

Além disso, em sua pesquisa Falkoski (2017), destaca que a presença de algum familiar nos primeiros dias de aula do aluno com surdocegueira, contribui positivamente, pois estes geralmente reconhecem a intenção comunicativa do aluno e proporcionam segurança no contato com o profissional.

Nesse sentido, visto que já havia um processo comunicativo estabelecido entre as crianças e seus mediadores, Falkoski (2017), reconheceu e nomeou algumas ações que já possuíam significado e sentido para os envolvidos sistematizando como comunicação.

Falkoski (2017) pensou então na criação de livros acessíveis para explorarem junto com os alunos novas possibilidades de aprendizagem; uso de calendário como estratégia de comunicação alternativa, pois este é um elemento essencial na organização da rotina dos alunos com surdocegueira.

Mas também, Falkoski (2017), destaca que o calendário deve ser personalizado para a necessidade do aluno, pois quando bem elaborado pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem, bem como na antecipação de ações evitando assim possíveis crises de ansiedade ou rejeição para realização de atividades.

Então, Falkoski (2017) identificou que os alunos estavam na fase pré-linguística em que são utilizadas algumas pistas antecipando as próximas ações, bem como elementos de comunicação alternativa como símbolos, recursos, técnicas e estratégias para comunicar-se além de Tecnologia Assistiva possibilitando maior interação nas propostas feitas pela educadora para a turma.

349

5 CONCLUSÃO

O objetivo do presente estudo foi analisar com o que acontece o processo de alfabetização com recursos abertos de comunicação alternativa a partir de métodos e tecnologias inovadores aplicados a crianças com deficiência intelectual e/ou TEA.

Nesse sentido, o processo de alfabetização de crianças com deficiência intelectual e/ou TEA, se dá a partir do uso da comunicação alternativa a qual consiste no uso do Picture Exchange Communication System (PECS) que traduzido é Sistema de Comunicação por Troca de Imagens.

Bem como, de materiais adaptados que o educador/profissional que atua junto à criança deverá identificar qual melhor recurso a criança responde, nos casos citados na discussão foi usado também o calendário de antecipação.

Isso é, usam-se recursos abertos conhecidos como PECs, pranchas de comunicação contendo símbolos, fotos ou figuras, prancha alfabética, softwares de comunicação alternativa e tecnologias para que a criança possa expressar suas intenções comunicacionais para então, dar início partindo desse pressuposto ao processo de alfabetização.

Portanto, é respeitando as peculiaridades de cada criança e estimulando-as com os recursos supracitados que será identificado, as possibilidades de aprendizagem e a superação dos limites impostos pela DI e/ou TEA no processo de alfabetização, contribuindo assim para a evolução da aprendizagem dessas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA DB, BADALOTTI GM. **Acessibilidade e Tecnologia Assistiva**. Indaial – Uniasselvi 2018.

ARAÚJO CO. **Mapeamento do alunado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rede municipal de ensino de Embu das Artes/SP: perfil clínico e escolar**. São Paulo. Tese [Doutorado em Distúrbio do Desenvolvimento]. Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Inclusão: revista da educação especial, v. 4, n 1, janeiro/junho 2008. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CHESIRE BJ. **Teacher's use of communication modes to enhance social interaction for learners with deafblindness in an inclusive setting: a case study at Kilimani Primary, Nairobi Kenya**. Nairóbi. Relatório de Pesquisa [Mestrado das necessidades especiais de educação]. Faculdade de necessidades especiais; 2020.

FALKOSKI FC. **Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa**. Porto Alegre. Dissertação [Mestrado em Educação]. UFRS; 2017.

FLORIANI MAB. **Educação Inclusiva**. Indaial: Uniasselvi 2017.

MANZINI, Eduardo José; DELIBERATO, Débora. **Portal de ajudas técnicas para educação: recursos para a comunicação alternativa**. Brasília: MEC, SEESP, v. 2, 2004.

MATA SP. **Perspectivas de profissionais sobre a trajetória inicial de comunicação de um sujeito com surdocegueira**. Marília. Dissertação [Mestrado em Educação]. UNESP; 2017.

MIRAMONTES KM. **The exceptional children's parent guidebook: how to support children with disabilities**. Califórnia. Projeto [Mestrado em Artes da Educação]. Universidade Politécnica do Estado da Califórnia; 2019

PEREIRA, L K. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): o Brasil precisa ligar a sirene de alerta!** São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Lilian->

Kuhn/noticia/2016/04/transtorno-do-espectro-autista-tea-obrasil-precisa-ligar-sirene-de-alerta.html>. Acesso em: 03 jun. 2020.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SANTOS APS, GOES RS. **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Indaial: Uniasselvi 2016.

SILVA EDG. **O papel do educador e o aluno autista**. João Pessoa. Monografia [Graduação em Pedagogia]. UFPB; 2017.

VARELLA, D. 2014. **TEA – Transtorno do Espectro Autista II**. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

VILELA, PR. **Agência Brasil – Brasília**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-07/bolsonaro-anuncia-inclusao-de-autistas-no-censo-2020#>. Acesso em 22 jun. 2020.